



MATA DE ARAUCÁRIAS: LEITURA, REFLEXÃO E AÇÃO - UM JEITO SIMPLES DE CONHECER, OBSERVAR E RESTAURAR A PRESENÇA DA FLORESTA NATIVA DE SUA REGIÃO.

Joycelaine Cabral Bach (PFM)¹,

Palavras Chave: araucárias; complexidade; transdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO - UM POUCO DE OUSADIA NÃO FAZ MAL A NINGUÉM

Como educadora há vinte anos pude vivenciar e oportunizar aos educandos práticas educacionais das mais diversificadas. Buscando em muitas das práticas seguir o que fala Edgar Morim (2001) quando nos apresenta o Paradigma da Complexidade². Esta complexidade de que nos fala Edgar Morim esta presente na linguagem e nas atitudes de nossos educandos e de toda a sociedade. Contudo, existe um fato que preocupa, pois nem sempre os professores conseguem compreender essa complexidade. Hoje uma grande maioria desconhece esta nova visão de mundo e de ensino, não fazendo a leitura correta do que é ser cidadão hoje, e do que nós, enquanto professores, podemos fazer para proporcionar uma aprendizagem significativa aos nossos alunos e para nós mesmos. Talvez o medo ainda seja o maior empecilho para uma mudança de postura dos professores, mas a palavra medo não combina e não deve aparecer no cenário da educação. Não se pode perder de vista que quando se educa, se aprende e quando se aprende, se educa. Sendo assim, o caminho mais curto para ativar a complexidade no processo de ensino aprendizagem em relação principalmente ao meio ambiente é a ousadia. Não ter medo de assumir e buscar novas estratégias para alcançar os objetivos propostos no início do trabalho, ou mesmo de mudar estes objetivos quando achar conveniente. Adotando esta postura sem medo, com certeza, chegar-se-á a uma educação na qual todos serão considerados, “cidadãos planetários” conscientes de seu papel no destino do mundo como um todo. Refletir o que afirma Paulo Freire (2002 p.58,59):

Gosto de ser homem, ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros [...] Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade.

Aqui comprova-se o objetivo real da essência de nossa existência, viver sem medo de errar... errando... E só se consegue isto quando os erros acontecem, ou quando fazemos o que a maioria acha que é loucura ou não tem sentido o que se está fazendo.

¹ Prof.^a Pedagoga, leciona na Escola Municipal Prof.^a Zilá Bernadete Bach, 2º ciclo do Ensino Fundamental I, município de Ponta Grossa, PR. joycecabach@gmail.com.



METODOLOGIA TRANSDISCIPLINARIDADE, UM BOM COMEÇO

O médico e educador Ovide Decroly sempre defendeu que as crianças apreendem o mundo com uma visão do todo, incorporado a este pensamento falava que: *“O meio natural é o verdadeiro material intuitivo capaz de estimular forças escondidas da criança”*. Norteando-se por estas frases de Decroly, iniciou-se os trabalhos no ano letivo de 2012. O primeiro passo foi diagnosticar o saber que os alunos já possuíam sobre a história do nosso município: Ponta Grossa. Depois de muitos diálogos e informações obtidas, iniciaram as leituras de lendas referentes à fundação do município. A lenda que mais encantou as crianças foi a lenda de Essapiá e Arixí, a lenda da Ponte Grossa. Esta lenda relata o drama dos índios de duas tribos que habitavam as margens dos rios Verde e Pitangui ao defenderem a grande Curiassu³. O entusiasmo foi gerado quando muitos alunos relataram que já haviam passeado no rio Verde e que lá realmente não tinham muitas “araucárias”, filhas da grande Curiassu, a mãe da floresta. O assunto chamou atenção, pois em aulas anteriores havia-se tratado sobre a passagem dos tropeiros pela região e as heranças deixadas por eles. Mas com a lenda eles puderam perceber outra versão da história, a versão dos índios sobre a passagem dos tropeiros. Com certeza esta tinha lhes chamado mais atenção, pois se tratava de maus tratos a mãe natureza. E exatamente neste momento da investigação, iniciou-se o projeto cujo nome foi escolhido pelos próprios alunos: **“Restaurando a presença das Araucárias em Ponta Grossa”**. Alguns questionamentos foram levantados acerca do trabalho a ser realizado: Porque as araucárias quase entraram em extinção? Porque não têm esta espécie de árvores em praças e rotatórias de nosso município, tendo em vista que ela é considerada o símbolo de nosso estado, o Paraná? O que nós, como alunos e “cidadãos mirins”, podemos fazer para tentar mudar esta realidade da mata de Araucárias no nosso município?

A preocupação em buscar respostas no início do trabalho causou certo desconforto, contudo mesmo que não se respondesse todas as questões, foi feito o possível para encontrar as respostas. Um provérbio chinês diz: “Tenha um projeto de vida, mas esteja aberto para perceber as direções do caminho. Seja flexível como o galho de uma árvore ao vento, assim nada pode quebrá-lo”. E assim foi desenvolvido o trabalho. Os conhecimentos fluíram acerca dos questionamentos e curiosidades sobre o assunto. Buscaram-se fontes seguras como documentos, leis, sites informativos, visitas à Secretaria do Meio Ambiente do município, conversa com agrônomos e outros profissionais, também com pessoas que eram admiradores do tema discutido. O próximo passo do projeto foi a investigação da planta em si. Estudou-se o perfil das araucárias, “benefícios” que trouxeram a ambição pela sua espécie no decorrer de sua devastação e qual seria o modo mais correto de ajudar a divulgar sua triste realidade. Em março a discussão se tornou ainda mais real quando um aluno trouxe para sala de aula três pinhas inteiras que, segundo ele, haviam caído de seu pinheiro devido a uma tempestade. Isto impulsionou muito os trabalhos. As pinhas foram quebradas e os pinhões que estavam dentro delas foram contados. Foram levantados dados científicos das araucárias e quais eram as variedades de espécies aqui do Paraná. As melhores sementes da pinha aberta foram selecionadas para serem plantadas e posteriormente mudadas para outro lugar. Um fato que chamou a atenção foi a sensibilidade que os alunos demonstravam em relação aos cuidados com as mudas e a cada mudança em seu processo de crescimento. Foi mágico. Eles

³ Curiassu: pinheiro imenso na língua dos índios tupis guaranis.



conversavam com as sementes, acompanhavam seu processo germinativo, seu crescimento e, quando por algum fator, as sementes ou mudas morriam, eles ficavam extremamente tristes, mas solidários uns com os outros. Para cada semente ou muda que morreu, foi plantada uma nova semente, iniciando assim um novo ciclo de cuidados. A idéia inicial dos alunos era levar para casa as mudas e plantar nos quintais. Surgiu necessidade de investigar quais os locais seriam adequados para o plantio das mudas e porque não seria adequado plantar nos jardins ou quintais de suas casas. Em grupos, foram realizadas visitas a Secretaria do Meio Ambiente de nosso município para conversarmos com o secretário do meio ambiente e investigar onde seria bom plantar as mudas e se poderíamos plantar nos locais sugeridos pelos alunos. Após a investigação, foram elaborados ofícios para solicitação de permissão para plantio e de como deveríamos desenvolvê-lo. Os trabalhos de plantio não foram finalizados. Enquanto isso, desenvolve-se diversos trabalhos numa proposta transdisciplinar, no qual o conhecimento se liga e religa, interagindo entre si sem fragmentação ou separação e sim se completando, enriquecendo, tornando mais forte e completo o desenvolvimento do trabalho como gotas homeopáticas nos desafios encontrados. Aos poucos a arte plástica, artes cênicas, a música, textos poéticos, trovas, concursos de desenhos dos projetos de plantio, cálculos matemáticos, gráficos, tabelas, culinárias, leitura de mapas, saídas de campo e entrevistas fizeram parte de todo este processo de construção do “sonho” de restaurar a presença das Araucárias em nosso município e responder aos questionamentos propostos no início do projeto.

RESULTADOS - NOVA VISÃO DE MUNDO

Ficou evidenciado a adoção de uma nova postura do professor, dos alunos envolvidos e de toda comunidade escolar, pois a cada passo na execução do projeto mostrava-se aos demais alunos da escola a importância de “notar” a natureza, perceber coisas simples existentes nela, bem como sua importância no processo de subsistência dos seres humanos. Com isso, cada criança que observava algo de “errado” ao redor do meio em que vivia e que tinha relação com o conhecimento que adquiriram na escola e principalmente, que tinha direta ligação com as araucárias, traziam para complementar os estudos. A flexibilidade deste trabalho mostrou aos alunos que é possível desenvolver um trabalho no qual as disciplinas escolares são utilizadas como caminhos a serem percorridos para se obter conhecimentos completos para se firmar numa nova postura. Mas o que seria esta nova postura?

Cidadãos com cidadania planetária. Segundo Morim (2001), é urgente saber quais são os problemas, confrontá-los com a história e o mais importante, saber que estamos caminhando para um único destino. Precisa-se agir para que mudanças efetivas aconteçam, mesmo que pequenas aos olhos de muitos. Esta ação deve acontecer todo o dia independente do lugar que estejamos. Ser cidadão planetário é ter a certeza de que o que se faz e aprende é alicerce para o futuro de toda a humanidade.

Tabela 1: Quantidade de Araucárias acompanhadas pelos alunos 2012 / 2013

Sementes cultivadas	Mudas já plantadas	Mudas a serem plantadas
40	30	10

Fonte: Projeto Restaurando a presença das araucárias em Ponta Grossa

A notável visão de mundo é constatada no prazer demonstrado nos trabalhos que envolveram o projeto e na ansiedade que é gerada a cada desafio encontrado no percurso.



Figura 1: – Projeto Restaurando a Presença das Araucárias em Ponta Grossa
Fonte: Alunos da Escola Municipal Zilá Bernadete Bach

Assume-se a cada dia atitudes que protegem o meio ambiente que as cercam, em especial as araucárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantos desafios encontrados atualmente na educação escolar percebe-se que a simplicidade é o que se busca. Os alunos querem liberdade, querem ar puro, querem mexer na terra, ler e observar o mundo, fazer perguntas e buscar respostas fora da sala, querem comprovar os fatos históricos, não através da tela de computador, e sim pela observação e problematização da realidade do meio em que vivem. Cabe a nós educadores ousarmos “abrir as janelas” e deixar que eles observem, questionem, desafiem e busquem as respostas.

REFERÊNCIAS

- ARTMANN, Erickson - **Essapiá e Arixi a lenda da Ponte Grossa**/Erickson Artmann; ilustrações de Anselmo Rodrigues de Andrade Junior. -Curitiba: Progressiva, 2010.20 p. 24cm.
- MORIN, Edgar – **Os sete saberes Necessários à Educação do Futuro** 3ª. Ed. – São Paulo – Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GOSUEN, Luiza. **Provérbios chineses e filósofos orientais.**<Disponível em: <http://gosuen.blog.com>> Acesso em: 22/07/2013 às 22h15.

Fonte: <http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/> Acesso em 22/07/2013